

EIXO BIMESTRAL: CRÔNICA

Texto Gerador 1:

Um idoso na fila do Detran

“O senhor aqui é idoso”, gritava a senhora para o guarda, no meio da confusão na porta do Detran da Avenida Presidente Vargas, apontando com o dedo o tal “senhor”. Como ninguém protestasse, o policial abriu caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira.

O jornal tem recebido muitas cartas elogiando e outras criticando aquele departamento de tão má reputação. Afinal, melhorou ou não o serviço? Cheguei a pensar em sugerir à editoria de Cidade que mandasse fazer uma daquelas matérias em que o repórter desse o seu testemunho. Simularia tirar uma carteira e assim desfaria as dúvidas.

Agora, ali, no posto da Gávea, esperando a minha vez, eu me sentia fazendo as funções desse repórter, e tudo começava bem. A operação toda não demorou nem meia hora e eu já ia aplaudir o atendimento, quando, ao lado da boa notícia - aprovação no exame de vista - me deram uma má: teria que ir à Avenida Presidente Vargas para pegar a carteira.

Foi assim que acabei assistindo àquela confusão de que falei no início. Aliás, não só assisti como dela participei: o “idoso” que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu.

Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos “enta”; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na “terceira idade”. Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco aos 65 anos. E, muito menos, nunca achei que viesse a ser chamado, tão cedo, de “idoso”, ainda mais numa fila do Detran.

Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo. Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: “idoso é o senhor seu pai”. O que mais irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida. Como é que ela tinha tanta certeza? Que ousadia! Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos, se nem pediu pra ver minha identidade? E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo

prova e documentos? Será que era tão evidente assim?

Como além de idoso eu era um recém-operado, acabei aceitando ser colocado pela porta adentro. Mas confesso que furei a fila sonhando com a massa gritando, revoltada: “esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!” Mas que nada, nem um pio.

O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima - do tempo. Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: “Isso é uma sacanagem comigo”, me disse, “eu não mereço”. Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim: “Mas ninguém lhe dá isso”. Respondi que, em matéria de idade, o triste é que ninguém precisa dar para você ter. De qualquer maneira, era um gentil consolo da linda jovem. Ali na porta do Detran nem isso, nenhuma alma caridosa para me “dar” um pouco menos.

Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: “Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas”. Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: “o senhor não tem mais de 65 anos, não é idoso?”

- Não, sou gestante - tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém. Saí resmungando: “não tenho mais, tenho só 65 anos”.

O ridículo, a partir de uma certa idade, é como você fica avaro em matéria de tempo: briga por causa de um mês, de um dia. “Você nasceu no dia 14, eu sou do dia 15”, já ouvi essa discussão.

Enquanto espero ser chamado, vou tentando me lembrar quem me faz companhia nesse triste transe. Aí, se não me falha a memória - e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade - me lembro que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo. Por associação de idéias, ou de idades, vou recordando também que só no jornalismo, entre companheiros de geração, há um respeitável time dos que não entram mais em fila do Detran, ou estão quase não entrando: Ziraldo, Dines, Gullar, Francis, Evandro Carlos, Milton Coelho, Janio de Freitas (Lemos, Barreto, Armando e Figueiró já andam de graça em ônibus há um bom tempo). Sei que devo estar cometendo injustiça com um ou outro - de ano, meses ou dias - e eles vão ficar bravos. Mas não perdem por esperar: é questão de tempo.

Ah, sim, onde é que eu estava mesmo? “No Detran”, diz uma voz. Ah, sim. “E o

atendimento?” Ah, sim, está mais civilizado, há mais ordem e limpeza. Mas, mesmo sem entrar em fila, passa-se um dia para renovar a carteira.

Por via das dúvidas, acho melhor o jornal mandar um repórter não-idoso fazer a matéria.

(Crônica de Zuenir Ventura publicada no Jornal do Brasil, 7/9/96.)

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1:

Em uma crônica apresentam-se fatos e acontecimentos atuais narrados sob o ponto de vista de quem escreve. Trata-se de um gênero que circula por meio de jornais, livros, revistas e, até mesmo, blogs na internet. É, portanto, um gênero acessível e presente no nosso dia a dia, daí sua importância na literatura nacional.

Há crônicas com vários enfoques e feitas com diferentes propósitos. Sobre a “fórmula” deste gênero textual, o estudioso Antônio Candido, por exemplo, ensina que em sua construção explora-se “um fato miúdo” com “um toque humorístico”.

Sendo assim, a partir das informações fornecidas, responda:

a) É possível se afirmar que o Texto Gerador I é um texto contemporâneo? Justifique sua resposta, indicando que elementos do texto comprovam ou não essa afirmação.

b) Com base no que afirma o estudioso Antônio Cândido, o que se poderia considerar como “fato miúdo” no texto de Zuenir Ventura?

QUESTÃO 2:

Há vários tipos de crônica. O Texto Gerador I, por exemplo, é uma crônica narrativa. Nesta, narra-se um fato do cotidiano que se passa num curto espaço de tempo e é recheado de pequenos acontecimentos que marcam seu humor. Suas personagens não têm descrição psicológica profunda e nem nome, pois são apresentadas por uma ou duas características centrais, suficientes para compor traços genéricos, com os quais uma pessoa comum pode se identificar.

Leia atentamente o Texto Gerador I e, baseando-se nas informações dadas, responda:

a) Qual é o foco narrativo (1º pessoa ou 3º pessoa) em que a história é apresentada? Justifique.

b) Em que espaço os fatos ocorrem?

c) Em quanto tempo aproximadamente a história acontece?

d) Quem é a personagem central da crônica? Como ela pode ser caracterizada?

e) Qual é o conflito da história?

QUESTÃO 3

A construção de uma narrativa pode se estruturar de modo ficcional ou não ficcional. Os textos não ficcionais baseiam-se na realidade, ao passo que os ficcionais têm por pano de fundo um mundo inventado, onde os acontecimentos ocorrem conforme o enredo da história.

Com base nas informações anteriores, que elementos presentes no texto podem identificá-lo como não ficcional?

Questão 4

Apesar de as crônicas serem tratadas, na maior parte das vezes, como textos essencialmente narrativos, esse gênero não se limita apenas à construção de uma história. O autor sempre apresenta seu ponto de vista sobre determinado acontecimento do cotidiano que esteja narrando. Ou seja, na crônica, o autor se vale de um fato, mas, na verdade, acaba por construir uma opinião a partir desse evento.

Em seu texto, Zuenir Ventura apresenta um fato do cotidiano – no qual ele é personagem central – e também faz comentários sobre a situação pela qual passou. Sendo assim, separe em duas colunas o que é fato e o que é opinião na crônica lida.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5

Por meio da pontuação, procuramos reconstituir o movimento da elocução oral, já que a língua escrita “não dispõe dos inúmeros recursos rítmicos e melódicos da língua falada”. Para isso, utilizamos um conjunto de sinais que, além da marcação de pausas, poderão indicar o término de um período, o início de uma fala de personagem, intercalação de informações, dentre outras funções.

No Texto Gerador I, pode-se observar o uso de aspas em algumas passagens apresentadas no quadro em seguida. Qual a função das aspas em cada uma delas?

“O senhor aqui é idoso” (linha 1)

(...) o “idoso” que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu. (linha 16)

Questão 6

Na construção de uma narrativa, os fatos giram em torno de personagens e são conduzidos por um narrador – que pode ser personagem da história ou não. A forma como esse narrador apresenta as informações varia, conforme a intencionalidade empreendida. A apresentação das falas, por exemplo, pode dar-se de maneira direta – em que as personagens falam por si mesmas – ou indireta – em que o narrador se apropria da fala dessas personagens. No texto lido, a maior parte dessas falas estão marcadas por aspas. Entretanto, há um trecho em que se utiliza o travessão para identificar o discurso direto. Por que motivo o autor optou pelo uso do travessão no trecho e aspas no resto da crônica para a representação do discurso direto?

Questão 7

Na escrita, o autor dispõe somente do léxico e dos sinais de pontuação para recriar uma situação de fala. Ao relatar uma fala, por exemplo, os verbos que estão no presente vão geralmente para o pretérito. Além disso, as expressões de tempo e lugar são indicadas a partir do ponto de vista do narrador, como o advérbio *aqui*, no discurso direto, que passa a *ali* ou *lá*, no discurso indireto.

Considerando as mudanças que podem ocorrer na transição de um tipo de discurso a outro, reescreva o trecho do quadro em discurso indireto.

- Não, sou gestante - tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém. Saí resmungando: “não tenho mais, tenho só 65 anos”.

TEXTO GERADOR II

Elogio da morte (Lima Barreto)

Não sei quem foi que disse que a Vida é feita pela Morte. É a destruição contínua e perene que faz a vida.

A esse respeito, porém, eu quero crer que a Morte mereça maiores encômios.

É ela que faz todas as consolações das nossas desgraças; é dela que nós esperamos a nossa redenção; é ela a quem todos os infelizes pedem socorro e esquecimento.

Gosto da Morte porque ela é o aniquilamento de todos nós; gosto da Morte porque ela nos sagra. Em vida, todos nós só somos conhecidos pela calúnia e maledicência,

mas, depois que Ela nos leva, nós somos conhecidos (a repetição é a melhor figura de retórica), pelas nossas boas qualidades.

É inútil estar vivendo, para ser dependente dos outros; é inútil estar vivendo para sofrer os vexames que não merecemos.

A vida não pode ser uma dor, uma humilhação de contínuos e burocratas idiotas; a vida deve ser uma vitória. Quando, porém, não se pode conseguir isso, a Morte é que deve vir em nosso socorro.

A covardia mental e moral do Brasil não permite movimentos de independência; ela só quer acompanhadores de procição, que só visam lucros ou salários nós pareceres. Não há, entre nós, campo para as grandes batalhas de espírito e inteligência. Tudo aqui é feito com o dinheiro e os títulos. A agitação de uma idéia não repercute na massa e quando esta sabe que se trata de contrariar uma pessoa poderosa, trata o agitador de louco.

Estou cansado de dizer que os malucos foram os reformadores do mundo.

Le Bon dizia isto a propósito de Maomé, nas suas *Civilisation des arabes*, com toda a razão; e não há chanceler falsificado e secretária catita que o possa contestar.

São eles os heróis; são eles os reformadores; são eles os iludidos; são eles que trazem as grandes idéias, para melhoria das condições da existência da nossa triste Humanidade.

Nunca foram os homens de bom senso, os honestos burgueses ali da esquina ou das secretárias chics que fizeram as grandes reformas no mundo.

Todas elas têm sido feitas por homens, e, às vezes mesmo mulheres, tidos por doidos.

A divisa deles consiste em não ser panurgianos e seguir a opinião de todos, por isso mesmo podem ver mais longe do que os outros.

Se nós tivéssemos sempre a opinião da maioria, estaríamos ainda no Cro-Magnon e não teríamos saído das cavernas.

O que é preciso, portanto, é que cada qual respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para própria felicidade da espécie humana.

Entretanto, no Brasil, não se quer isto. Procura-se abafar as opiniões, para só deixar em campo os desejos dos poderosos e prepotentes.

Os órgãos de publicidade, por onde se podiam elas revelar, são fechados e não aceitam nada que os possa lesar.

Dessa forma, quem, como eu, nasceu pobre e não quer ceder uma linha da sua independência de espírito e inteligência, só tem que fazer elogios à Morte.

Ela é a grande libertadora que não recusa os seus benefícios a quem lhe pede. Ela nos resgata e nos leva à luz de Deus.

Sendo assim, eu a sagro, antes que ela me sagre na minha pobreza, na minha infelicidade, na minha desgraça e na minha honestidade.

Ao vencedor, as batatas!

Marginália, 19-10-1918

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 8:

A crônica *Elogio da Morte*, de Lima Barreto, não apresenta as mesmas características de *Um idoso na fila do Detran*, de Zuenir Ventura, uma vez que esta é predominantemente narrativa, enquanto aquela é argumentativa, podendo ser tratada como uma crônica-comentário. No primeiro texto, vemos um fato que se desenrola em determinado tempo e espaço, por meio da interação de personagens. Em *Elogio da Morte*, em vez disso, discute-se sobre um tema, sem que haja encadeamento de fatos, ordenadas ou não. No texto, há informações sobre a morte que podem ser consideradas fato, entretanto há outras informações que se caracterizam como opinião do autor. Identifique, assim, uma informação que se caracterize como factual e outra em que se expresse o ponto de vista do autor.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

Questão 9

Podemos perceber que o Texto Gerador II é exemplo de crônica argumentativa, em que o narrador, por meio de inferências, procura defender a ideia de que a morte é mais importante que a vida. O desenvolvimento de seu ponto de vista se constrói com o auxílio das conjunções coordenativas, que são responsáveis por estabelecer as relações lógicas num texto, tais como adição, alternância, adversidade/oposição, explicação e conclusão.

Observe a passagem do quadro em seguida. Justifique o emprego da conjunção coordenativa adversativa nesse segundo parágrafo e explique a importância dessa passagem no texto.

“A esse respeito, *porém*, eu quero crer que a Morte mereça maiores encômios”.

Questão 10

Habilidade trabalhada: *Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas seqüências.*

O emprego das conjunções possibilita-nos criar efeitos de sentido nos enunciados de acordo com nossas intenções. Podemos alterar o sentido de um enunciado a partir da mudança de uma conjunção, mesmo mantendo o restante das informações.

Com base nessa explicação, faça o que se pede, reescreva o trecho a seguir, de modo que a ideia de conclusão expressa pela conjunção se transforme em explicação, fazendo as alterações necessárias.

“A divisa deles consiste em não ser panurgianos e seguir a opinião de todos, *por isso* mesmo podem ver mais longe do que os outros.”

ATIVIDADES DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Questão 11

Habilidade trabalhada: *Planejar e produzir um texto narrativo curto dos gêneros estudados.*

Como já vimos, uma narrativa é construída a partir de cinco elementos principais, que retomamos, abaixo:

- 1- Enredo (o que contamos e com qual seqüência)
- 2- Personagens (quem participa e faz parte da história)
- 3- Tempo (quando acontece a história)
- 4- Espaço (onde ou em que lugar acontece a história)
- 5- Narrador (quem conta a história –narrador-personagem ou narrador-observador)

Tendo por base o texto de Zuenir Ventura, *Um idoso na fila do DETRAN*, e escolhendo uma das opções abaixo, crie uma crônica narrativa, curta e bem humorada (a atividade deverá ser feita em dupla). Nas opções abaixo, fornecemos três elementos: o narrador, o enredo e o espaço. Vocês escolhem os demais elementos (personagens e tempo), usando a imaginação e conhecimentos de leitura e escrita. Escrevam o texto em parágrafos, com início, meio e fim e lhe atribuam um título. Escrevam em torno de 15 linhas.

Opção 1: Narrador de primeira pessoa. Enredo: uma conversa em uma fila de banco.

Opção 2: Narrador de terceira pessoa. Enredo: uma conversa na fila do cinema.